



Ilustração Adobe Stock

O uso responsável da IA generativa como chave para a inovação ética

POR **DENISE PINHEIRO E LUIZ PONZONI**

A velocidade da evolução da IA generativa entusiasma os CEOs, que enxergam seus benefícios já para este ano, mas o possível uso da tecnologia para fins antiéticos levantam bandeiras vermelhas e preocupam autoridades.

A última edição do *CEO Survey*, lançada pela PwC, em janeiro deste ano, revelou a reação dos executivos globais à Inteligência Artificial Generativa (GenAI), a qual é capaz de analisar dados, aprender padrões, tomar decisões e fornecer *insights* valiosos para resolver problemas complexos. Seu exemplo mais conhecido é o ChatGPT, serviço criado pela OpenAI que utiliza técnicas avançadas de processamento de linguagem natural e aprendizado de máquina para oferecer respostas relevantes e coerentes aos usuários. Ele é capaz de respon-

der perguntas, fornecer informações, auxiliar na resolução de problemas e realizar tarefas específicas, como redação de textos e tradução.

Essas ferramentas são tão disruptivas que muitas organizações começam a usá-las não apenas para redesenhar processos internos – aproveitando sua capacidade de criar instantaneamente conteúdo com base em informações na nuvem –, mas também rever modelos de negócios e reformular indústrias inteiras.

Para 58% dos CEOs entrevistados na pesquisa da PwC em todo o mundo (64% no Brasil), a IA generativa deverá melhorar a qualidade de produtos ou serviços já ao longo de 2024. E a expectativa de quase 70% dos líderes é que, nos próximos três anos, ela acirrará a concorrência, impulsionará mudanças em seus modelos de negócios e exigirá novas habilidades da força de trabalho.

Outro estudo da PwC, a Pesquisa Global de Riscos 2023, revela como as empresas estão mudando sua forma de encarar o risco para explorar a tecnologia e os dados em busca de oportunidades e criação de valor. A necessidade de se preparar para investir em tecnologia é o principal fator para que uma empresa reveja seu cenário de riscos. É o que dizem 55% das organizações no Brasil (57% no mundo). Além disso, 67% dos brasileiros (60% no mundo) veem a GenAI mais como uma oportunidade do que um risco.

Mas essas possibilidades de transformação também levantam questões éticas. O recente discurso (em espanhol) do presidente argentino Javier Milei, em janeiro, no Fórum de Davos, por exemplo, foi visto e ouvido em várias línguas com ajuda da inteligência artificial – com a voz de Milei, movimentos labiais correspondentes e até sotaque portenho. O resultado, que impressionou o próprio Elon Musk em postagem na rede social X (antigo Twitter), foi obra da IA generativa.

Apesar de nos remeter aos mais incríveis capítulos da ficção científica, a façanha é também preocupante, pois levanta a possibilidade de se fabricar depoimentos falsos altamente verossímeis usando imagem, voz e leitura labial de qualquer pessoa. E esse é apenas um dos aspectos éticos que envolvem a IA generativa.

Entre os executivos globais que já adotaram a IA em suas empresas, 56% acreditam que, em 2024, a tecnologia deverá agravar o problema da desinformação, enquanto 53% consideram que ela aumentará os casos de responsabilidade legal e os riscos de reputação. Essas são a segunda e terceira maiores preocupações dos líderes com relação à IA generativa, segundo a *CEO Survey*, atrás apenas dos riscos de segurança cibernética (68%).

Em um ambiente como esse, os executivos precisarão de se preparar para gerenciar de forma adequada a ampla gama de riscos que essa tecnologia representa. Eles devem estar atentos, por exemplo, à propagação de erros e às questões de propriedade intelectual e contratuais relacionadas ao uso de dados. Além disso, precisarão lidar com os riscos de viés e discriminação durante o desenvolvimento de modelos de inteligência artificial e outros riscos decorrentes de comandos inadequados que podem levar a respostas enganosas ou prejudiciais dos modelos de IA.

Há também riscos do ponto de vista dos usuários, como as consequências indesejadas da disseminação de desinformação e outros conteúdos nocivos, incluindo a possibilidade de interpretações errôneas de respostas geradas por IA como fatos. A gestão eficaz desses riscos requer uma abordagem holística e integrada que considere todas as dimensões do negócio. Mostrar que é possível equilibrar esses riscos com os benefícios da inovação contribuirá muito para que a empresa conquiste confiança e vantagem sobre a concorrência.

Como destaca outro estudo recente da PwC, os conselhos de administração também terão um importante papel de supervisão e orientação a desempenhar. Com o cuidado de não limitar a inovação, eles devem se concentrar na forma como essas tecnologias podem impactar a estratégia corporativa e como os riscos – especialmente os de missão crítica ou que ameacem a reputação – são gerenciados na empresa.

Em paralelo, autoridades em todo o mundo estão debatendo a regulamentação da IA generativa. Em março deste ano, a União Europeia foi pioneira na aprovação do seu Regulamento sobre Inteligência Artificial, um marco legislativo com potencial para definir padrões no setor em todo o mundo.

No Brasil, o debate toma forma com o Projeto de Lei nº 759/23, atualmente em análise na Câmara dos Deputados. O texto busca estabelecer diretrizes claras para o uso da IA no país, enfatizando princípios fundamentais como transparência, segurança, confiabilidade, proteção à privacidade e aos dados pessoais, respeito aos direitos autorais, além de assegurar o respeito à ética, aos direitos humanos e aos valores democráticos.

À medida que essas discussões avançam, a colaboração das diferentes esferas da sociedade torna-se crucial para garantir que a IA generativa sirva às pessoas de forma justa, segura e transparente, garantindo que os benefícios da inovação sejam compartilhados por todos e os riscos sejam cuidadosamente gerenciados.

PARA SE APROFUNDAR NO TEMA

PwC Brasil, 27ª Global CEO Survey, 16/1/2024.

PwC Brasil, Pesquisa Global de Riscos 2023, 20/3/2024.

Elon Musk (@elonmusk). Better version. 18/1/2024

PwC Brasil, Gerenciando os riscos da IA generativa: um manual para executivos da área de riscos, começando pela governança.

PwC Brasil, O poder da IA e da IA generativa: o que os conselhos devem saber

Euronews, UE pioneira na adoção de regras abrangentes sobre Inteligência Artificial, 13/3/2024.

Agência Câmara de Notícias, Proposta regulamenta utilização da inteligência artificial, 7/7/2023.

DENISE PINHEIROS é sócia e líder de Transformação Digital da PwC Brasil.

Luiz Ponzoni é sócio e líder de Risk Transformation da PwC Brasil.